

## VOZES DA/NA CIDADE: INTERVENÇÕES IMAGÉTICAS E LITERÁRIAS<sup>1</sup>

Olga Maria Castrillon-Mendes  
UNEMAT/Cáceres

Pensar a cidade, poetizar a cidade, percorrer a cidade com o olhar de artista, pautas fundamentais do debate contemporâneo, é o que trazemos neste texto, cartografando dois espaços de significação e três poetas brasileiros que escrevem em Mato Grosso: Natalino Ferreira Mendes, Pe

dro Casaldáliga e Silva Freire. Casaldáliga, é visto como o arauto dos sertões da Amazônia mato-grossense representado pela luta entre posseiros e latifundiários, no Vale do Araguaia/Mato Grosso; Mendes e Silva Freire, em contextos e estruturas formais diferenciadas, mas ligados à tradição do povo, são vozes de uma tradição renovadora. Natalino Mendes romantiza a história e a memória da cidade e dá vida aos arquivos da cidade; Silva Freire, pelas fronteiras da estética modernista, repensa a tradição pelo viés da fragmentação do verso e suas palavras dançam entre pontos e linhas desconexas prontas à avidez do leitor. Embora sejam poetas de um mesmo tempo histórico, as propostas se afastam, mas a temática se assemelha.

Comparativamente os poetas se unem na formatação de um panorama díspare que é a essência genética de Mato Grosso e desenham múltiplas formas de ver e de sentir a cidade, a terra e o povo. Embora Pedro Casaldáliga represente a voz rural, é no limite entre a margem e o centro que o poético assume o grito dos marginalizados. Pelos ecos que ressoam em todos os cantos, a cidade é o símbolo da opressão, espaço sufocante do oprimido. Por outro lado, Mendes e Freire são vozes em camadas telúricas diferenciadas. O primeiro pela vertente da história e da memória; o outro pelo experimentalismo da palavra nos deslimites entre o popular e o erudito.

Da margem e de poetas marginais, do centro ou da periferia, seja qual for a perspectiva pela qual se busca ler/ouvir os variados *eus* poéticos que brotam desses escritos, a palavra e a imagem constroem o caleidoscópio pelo qual o leitor monta/desmonta visões de mundos que são construtos de si mesmos e de um tempo que

---

<sup>1</sup> Publicado em Castrillon-Mendes, O. M. *Matogrossismo: questionamentos em percursos identitários*. Cuiabá: Carlini & Caniato Ed., 2020, p. 468-477.

teima em ser alimentado por atitudes e posturas que, muitas vezes, nada têm a ver com os discursos correntes. E os poetas terminam por morrer duas vezes: pela ausência física e pelo esquecimento da produção.

Refletindo, tanto os textos que representam as temáticas aqui propostas, quanto a atual situação a que estão relegados os escritores brasileiros, principalmente, os do interior, trazê-los à luz é uma tentativa de repensar o tempo presente e reatualizar os arquivos, no momento em que Mato Grosso vivencia o *boom* editorial orquestrado por jovens escritores e suas arrojadas escrituras.

De que forma repensam o contemporâneo midiático e, ao mesmo tempo marginalizador? Que vozes têm se levantado rumo a novas propostas poéticas? Estas e outras questões permeiam as reflexões aqui colocadas, no momento em que pensar a América Latina significa trazer outros movimentos sociais de alienação e protestos, utopias e distopias.

1

Diferentes processos de ocupação e colonização compõem a geografia do interior brasileiro. Aquele resultante do ciclo do ouro e da exploração da terra pelos descendentes dos colonizadores portugueses, do século XVIII, e o movimento de interiorização, em meados do XX, responsável pela onda migratória em busca do novo Eldorado. Em ambos os casos, Mato Grosso foi devassado, tanto por imigrantes europeus, quanto por seus descendentes migrantes de vários estados da federação, atendendo aos apelos de ocupação dos considerados “espaços vazios”. Assim, o forte apelo pelas terras e pelas riquezas naturais moveu (e ainda move, em novos contextos) o homem em direção aos trópicos e ao interior do Brasil.

Certa tendência de aversão às transformações oriundas desse novo processo de ocupação houve um momento de reação contrária através da proposta de revitalização das fontes e construção de uma história que pudesse resgatar a tradição. Apesar de esse movimento ter contribuído para a não dispersão das fontes e à manutenção dos acervos, não conteve a onda desenvolvimentista de Mato Grosso. Então, passando pelo que Antonio Candido denomina certo atraso próprio do interior marginalizado, a produção cultural enfrentou desafios que a alienaram, gerando posições pró e contra a modernização. Somente a partir dos anos 2000 é que a literatura, em particular, busca encontrar novos caminhos de se relacionar e se organizar socialmente. O espaço da cidade surge como o campo de construção da vida social e dos circuitos de afetos. O espaço

como possibilidade de mobilização de ideias e experiências que puderam criar conexões e redesenhar as condições de participação e apropriação cultural. O espaço como agenciador de subjetividades para uma reinvenção da vida. Território de ocupação que passou a ser um privilegiado e singular *locus* enunciativo.

Surgem deste modo escritores que rompem com o lugar comum e Mato Grosso passa por um novo processo de produção, cujas laçadas têm alcançado um mundo leitor privilegiado. A tal ponto que o que se questiona, no momento, é exatamente o lugar que a crítica e a história literária vêm ocupando nesse cenário “periférico”, levando-se em conta o que Pierre Bourdieu classifica de relações de poder simbólico, fortes aliados do processo de construção do cânone. Então o lugar ocupado pelos poetas das novidades estilísticas e de ocupação do espaço de escritura, como Silva Freire oferece formas de revisão do conceito de interior e de produção de margem. Poetas como Natalino Ferreira Mendes, colocado muito mais ao interior e com uma obra mais telúrica que de rompimento de padrões estruturais e linguísticos, ou até mesmo Pedro Casaldáliga, pelas vias do engajamento social e com uma literatura engajada, continuam a sofrer o desconhecimento que só começa a romper os muros interiores a partir do reconhecimento das respectivas produções a partir dos Programas de Pós-Graduação em Estudos Literários das Universidades Públicas do Estado.

Desta maneira, a linguagem literária aqui está posta como lugar ideal para a criação e fundação de mundos-cidades, como fala Ángel Rama em *A cidade das letras* (1985). Concebe-se, assim, que as cidades, assim como regiões ou lugares têm existência que foram forjadas pelo discurso, pelo imaginário dos que a percorreram ou vivenciaram (como aconteceu com as narrativas de viagem). A recriação desses lugares projeta valores e, muitas vezes, não-lugares que dividem e geram conflitos. A oposição morro X asfalto, atraso X progresso reverberam valores e causam estereótipos, como é o caso dos chamados “sertões” que ficaram conhecidos como “vazios” demográficos e em descompasso cultural e até histórico, como é o caso de Mato Grosso. Esse Brasil colocado “nas bordas” é então visto como dotado de espaços habitados por homens rudes, de hábitos primitivos, sem brasilidade, tal como aparece representado em muitas obras literárias.

Natalino Ferreira Mendes: telúrico na linha de D. Aquino, embora com um acento linguístico mais próximo ao popular, tem sua obra dividida em temáticas muito peculiares: poemas históricos (a cidade na história e no cenário nacional e internacional): O fundador: “De Albuquerque foste a preferida/Minha terra cristã e feliz./Cidade amor de São Luiz,/Salve, Cáceres, princesa querida”. (Anhuma, p. 69).

O padroeiro: “Vila Maria, consagrada a São Luiz,/Teve na Providência/ ‘A guarda soberana’./De todas as direções/Do Paraguai e afluentes,/Mãos invisíveis transportaram/Camalotes, capim, aguapés/E mais outros vegetais,/Para as imediações/Da Lagoa Uberaba./Ali, numa trama ideal,/A vegetação enlaçada,/Misturada/Comprimida/Tapara por completo/O canal do rio, navegável” (Tapagem. Anhuma, p. 33).

Os monumentos: “Guardando velhos arcanos/Da gente antiga, valente,/—Dos Lusos e Castelhanos,/Como um gigante impotente/Jaz na praça principal,/Desta terra hospitaleira,/Em frente da Catedral,/Velho Marco de Fronteira”. (Marco do Jauru. Anhuma, p. 26).

A memória cultural: “Por falta de pedra, com fartura,/Lançou mão alguém/(A tradição o nome não guardou!)/Dos Crânios de bovinos/Que, para consumo do povo, se abatiam/Nas redondezas da cidade,/E com eles fez, na rua,/Em frente à sua casa,/Uma passagem estratégica/—Ponte improvisada/—Sobre a lama e poças d’água/Que o leito da rua apresentava” (Rua das cabeças, p. 35).

“E se fosse o filme sonoro,/Ouviríamos por certo,/De espaço em espaço,/O carreiro gritando:/—‘Aguateiro! Olha o aguateiro!’” (Aguateiro, p. 41).

“Dos lampiões de querosene/Que a urbe iluminaram/Por quase cinquenta anos,/Não ficou sobrevivente./A figura, porém, do Lampareiro,/Que fez parte importante da cidade/Por muitos e muitos anos,/Essa figura ficou...conservada/Com cuidado e com carinho,/Pela nossa tradição,/Que é a memória do povo!” (O lampareiro, p. 43).

“Mas este rápido e frio,/Tira o corpo... e o toureador/Finca a lança no toutiço/Do animal que mais se assanha/E sai correndo pela liça/Instigado pela grita/Da plateia delirante./Pára um instante, escava o chão,/Olha a praça, vigilante,/À procura do inimigo:/Seu corpo todo estremece...” (Tourada, p. 39).

“Era uma casa diferente/bem em frente/ao rio,/ou melhor,/da baía/que banha São Luiz,/—Cáceres dos nossos dias”. (A casa da panela, p. 44).

“O balão sobe ao espaço/à procura do infinito!/A oração rompe os lábios/para fazer ligação/do tempo com a eternidade” (São João, p.46).

“No coração da floresta,/Numa zona mais sombria,/Seu rancho humilde constrói/E a faina principia:/Traz consigo o saracua/O facão, o sapicua,/Co’o excitante guaraná;/-Espingarda e...ousadia” (O poaieiro, p. 51).

“Seu nome: Pé-de-Garrafa!/Pois seu casco imita o fundo/Da garrafa sobre o solo./Não é bicho deste mundo!” (Pé-de-Garrafa, p. 55).

Figuras da terra: “Cedinho levantam-se elas/as lavadeiras/(da minha infância)./Preparam o ‘quebra-torto’./Das roupas a lavar/fazem trouxas,/munem-se de sabão, anil e porrete./Tudo posto na bacia,/Alvissareiras-/seguem para o rio/As lavadeiras” (As lavadeiras. Pássaro vim-vim, p. 10).

“Mas a imaginação nos faz crer/que nessa passagem do curso d’água,/em priscas eras,/vivia/algum descendente de escrava gente;/e como fundador,/notável se tornou na vizinhança,/merecendo o nome protetor de pai” (Pai Congo. Pássaro, p. 50).

“Por trinta e oito anos/serviui a Cáceres/como cura de alma./Era um virtuoso sacerdote/que, diziam os antigos,/tinha as portas da casa sempre abertas/para acolher suas ovelhas./Não só as portas/mas também a bolsa:/do pouco que ganhava no trabalho/repartia/com os humildes membros da grei./Assim era Padre Casimiro,/na intimidade chamado/-Padre Mira” (Padre Casimiro, p. 51).

### Sonetos, Hinos e canções, Natalinas, Místicas e Mensageiras.

Sua fonte de inspiração é a cidade como lugar de memória (Nora). Transforma em poesia a cidade: suas personagens, figuras, tipos, monumentos, memória, cultura, tudo são pistas que conduzem à história e à memória. A cidade, então, é protagonista viva e a ela é dada voz. Revela um quadro em cujos traços é possível divisar o olhar de poeta-amante-telúrico. A cidade se coloca como um mosaico de imagens superpostas pela memória como assinala Raymond Williams, a cidade como uma “orgia de vitalidade”, um mundo instantâneo e transitório de “êxtases febris” (Williams, 1989, p. 316).

Essa divisão, mais didática que perceptiva, traz implícita cenas do cotidiano da cidade embasado na história e na memória. A cidade é, portanto, a metonímia do homem interiorano como protótipo do brasileiro, atuando num espaço específico que é uma parcela dos espaços nacionais. Então, o eu poético é a representação da história de cada um, por isso a imediata identificação do leitor.

Em D. Pedro Casaldáliga a cidade é o símbolo da opressão do campo (a elite latifundiária sobre o sertanejo oprimido). Cidade é rio (água); aldeias (terras); espaço de

luta (ar). A cidade como palco de lutas e de encenação para as movimentações populares. A cidade emerge com violência do eu poético, pois é fruto de conflitos do campo.

Ver A lua e a luta em *Águas do tempo*, p. 29.

“E o sol de MT faz-se túbio  
para não calcinar tanta beleza” (Antologia retirante, p. 43).

Cidade  
corrompe  
o ar do desejo,  
o campo  
redime  
na livre pobreza do vento (cidade e campo. *Cantigas menores*, 1979, p. 16).

A matéria viva destes poemas,  
foi recolhida  
rodando de ônibus por essas estradas (*Cantigas menores*, 1979, p. 10).

Atalho dos pobres, linha do Roncador, vereda apenas.  
O sol exasperado, quer fundir as pranchas trepidantes.  
Pó, gretas, bacadas, pó.  
Rompendo opressão do carrascal,  
Fulgem... (Estrada do sertão. Antologia retirante, p. 31).

Sacode-nos contra os buracos  
o caminhão  
a sede queima o cansaço,  
e se amassam no barro o olhar e o coração. (Nova colonização. Antologia retirante, p. 152-3).

Eu, Araguaia e tu (Águas do tempo, 1989, p. 55).

“As palavras de Riobaldo  
São palavras fazendeiras.  
Diz “sertão e o sertão é.  
Diz “amor” e é o amor.  
Se diz “noite” é a morte.  
Diz “silêncio” e toda sorte  
de silêncio cobre o chão  
das veredas do sertão (Versos adversos, 2006).

Ver “Cuia de Gedeão”, 1982, p. 23.

“Não adianta que me expulsem/Nunca sou de casa”

Em Silva Freire a cidade é o que nela contém, por isso o universo humano, as relações sociais, a dicção popular, a palavra nua e lúdica, o *passarinhar* de vozes e gestos. Palavra feita recriação poética em blocos, em fatias, recortadas ou inteiramente dadas,

própria para ser consumida. Explode nela o universo todo, no contexto, no texto, ou fora deles. Abre-se para a plurissignificação ou nenhum sentido particular, mas carregando todos os sentidos possíveis. Em constante mobilidade.

A cidade é, portanto o *locus* do movimento vital em que se encontram os *topoi* mais significativos do espaço/tempo mato-grossense que é de todo brasileiro. Então, a poesia está no oleiro:

o oleiro  
escreve  
ve  
(a/e) cria/tiv/idade  
da casa que amacia.

Na rendeira

No carvoeiro:

organizado de combustão  
o carvoeiro  
se move  
no rigor  
da porosidade  
que  
destila a madeira  
(carvoeiro/vegetal)

Na tecedeira

No seringueiro:

o homem sobre a terra  
sobre si mesmo  
homem/flora  
raízes  
flutuante coletor do extrativismo  
(seringal/seringueiro)  
\*  
o homem sobre a terra  
sobre si mesmo  
homem/flora  
raízes  
flutuante coletor do extrativismo  
(seringal/seringueiro)

Todos macerados num mesmo amálgama transformam-se em inventivos voos de pássaros, no “poder do encantamento/na carga silábica do verbo...” (reunião do tempo, p.

47 – barroco branco), compondo o universo materializado no campus da primeira Universidade Pública.

- o campus dimensiona  
seus limites  
nos parâmetros da lição.  
o campus agride o sorriso medíocre  
(campus de Universidade)

E o espaço são vozes que delineiam os sentidos do lugar-nenhum e todos os lugares:

- pois no exemplo deste lugar,  
Vejo uma dor-sem-dente, ali,  
Assobiando sombras ao nada mais!  
(ao nada mais. In barroco branco, p. 58).

- em torno de cada aqui  
o acolá se esfrega  
como um onde em riste!  
(interior do compromisso. In: barroco branco, p. 62)

Silva Freire traça a cidade em traços, linhas e palavras. Nelas, o pulsar de todos os movimentos humanos, da natureza e das raízes: cerrado, couro cru, boi e futebol.

A poética de Silva Freire desafia a busca de caminhos facilitadores da absorção do universo criativo. Ora sublinhadas, ora sobrepostas, as palavras aparecem, por um lado, desordenadamente em movimentos que, de certa forma, dificultam a leitura dos mais acostumados ao texto retilíneo; por outro, desanuvia a mente e trabalha com o processo da memória, desta forma, elevando o popular e os usos da língua à matéria de poesia. Trata-se da poesia “fabricada” no sentido etimológico do “fazer” (do grego *poie*), “fabricar” que exercita o ato da escrita pela palavra, aproximando-se dos mecanismos virtuais de composição que tanto têm encantado o leitor contemporâneo, a quem cabe (re)construir as peças soltas como um brinquedo de armar. Essa reconstrução é o exercício da liberdade, necessária ao processo de formação do prazer no trato com a arte sem fronteiras e acessível a todos. Dessa forma, a “junção de incompreensibilidade e de fascinação gera uma tensão que tende mais à inquietude que à serenidade” (FRIEDRICH, 1978, p. 15).

Nesse perfilar de tipos e conversas languageiras, Silva Freire consegue, na década de 80, em Mato Grosso, prodígio semelhante a Oswald de Andrade nas primeiras décadas do século XX: transformar a oralidade em linguagem poética, assimilando o ritmo e a



beleza artística em momento histórico de ruptura e de perda de identidades. Voltar às raízes é assegurar o patrimônio cultural de um povo e reafirmar a natureza social da fala que, no dizer de Bakhtin (1995, p. 15), “está indissolúvelmente ligada às condições de comunicação, que por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais”.

Assim, não há como sonegar o erudito em sua convivência com o popular, convivendo nos poemas como comprovação de que a literatura cumpre o papel social de romper com o sistema linguístico e o poético tradicional, pois o verdadeiro sujeito da obra “aberta” é o leitor. Ele se vê representado nela. Abrindo-se para a obra, abre-se para si mesmo. Leitor e obra se interpenetram num processo de (re)criação tão infinito quanto são as possibilidades da linguagem.

Por esse aspecto, distinto e dominante da estética freireana, temos a síntese dialética que buscamos no ensino da língua e da literatura: a integração dos aspectos intersignícos e a verticalidade de produção dos sentidos imanentes do texto. Isso se dá pela substituição da linearidade dos versos pela força da palavra, que aparece vestida dos aspectos verbais, sonoros e principalmente visuais.

Certamente, Silva Freire cumpriu, como disse João Antonio Neto, esse papel de realizar o trabalho de criar, iluminar e preservar um patrimônio espiritual, mesmo que sem abandonar totalmente a tradição.

Ao percorrer estes espaços das cidades dos três escritores, repensam-se não só as construções da memória, mas as regiões e suas representações que são tomadas como resultado dos variados olhares e da forma como incorporaram ou não um ideário sobre as cidades. Não há aqui nenhuma premissa sobre determinismo geográfico, mas procuramos verificar a presença do imaginário que os elementos constitutivos dos diferentes espaços entram na composição dos poetas contemporâneos. Por um lado, a cidade revisitada linguisticamente e iconicamente; por outro, ceifada pelos conflitos humanos. O que se tem é a memória imagética construída na base sertão *versus* cidade, impondo mudanças nas relações do homem com a natureza, com a cidade e com os outros homens, questionando a tradição e os mecanismos de utilização que determinam os conceitos. Desse processo ficaram registrados momentos decisivos para a história das cidades.

#### **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

ARRUDA, Gilmar. *Cidade e sertões: entre a história e a memória*. Bauru/SP: EDUSC, 2000.

BOURDIEU, Pierre.

- CASALDÁLIGA, Pedro (D.). *Águas do tempo*. Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso. Série Poetas Contemporâneos, 1989.
- FREIRE, B. S. da Silva. *Barroco branco*. Cuiabá: Ed. Fundação Cultural de Mato Grosso. Série Poetas Contemporâneos, 1989.
- FREIRE, B. S. da Silva. *Águas de visitação*. Cuiabá: Edições do Meio, 1980.
- FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.
- LEITE, Mário César Silva & CAMPOS, Cristina (Orgs.). *Culturas e identidades: entre o regional e o nacional*. Cuiabá: Carlini & Caniato; Cathedral Publicações, 2012.
- LEITE, Mário César Silva. *Literatura, vanguardas e identidades: nas brenhas do regionalismo*. Cuiabá: Carlini & Caniato; Cathedral Publicações, 2015.
- MENDES, Natalino Ferreira. *Anhuma do Pantanal: poesia da terra*.
- MENDES, Natalino Ferreira. *Pássaro vim-vim: poesia da terra*. Cáceres: Ed. Unemat, 2010.
- WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. SP: Cia. das Letras, 1989.
- CANCLINI, Nestor G. *A socialização da arte*. São Paulo: Cultrix, 1984.
- ECO, Umberto. *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1976.